

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

# AUTONOMIA E AUTOAVALIAÇÃO NO ATELIER DE PROJETO DE ARQUITETURA

Paulo Afonso Rheingantz

Grupo de Pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem - ProLUGAR  
Programa de Posgraduação em Arquitetura - PROARQ

## INTENÇÃO

discutir AVALIAÇÃO, AUTOAVALIAÇÃO e AUTONOMIA no atelier de projeto

## AVALIAÇÃO ESCOLAR

questão reconhecidamente complexa,

amplamente DISCUTIDA entre os PEDAGOGOS,

mas ainda OBSCURA entre os PROFESSORES DE PROJETO

## SEMINÁRIOS PROJETAR

> 700 artigos publicados

30% [280] tratam de ensino de projeto de arquitetura

0,86% [006] discutem a avaliação em projeto de arquitetura

## CONSULTA POR E-MAIL A MAIS DE 40 PROFESSORES

03 respondentes tratam da questão pedagógica do processo de avaliação

# Processo de Avaliação

## INTERESSE PREDOMINANTE

- pesquisar e discutir a teoria e a prática da ARQUITETURA

## EM DETRIMENTO DE

- pesquisar e discutir a teoria e a prática da EDUCAÇÃO EM ARQUITETURA

PROBLEMA relacionado com o *HABITUS* e com a migração do modelo

ARQUITETOS QUE DÃO AULA para PESQUISADORES QUE DÃO AULA

## DIRETRIZES CURRICULARES

- exigência de PROJETO PEDAGÓGICO
- recomendação de formação de PROFISSIONAL GENERALISTA
- ausência de profissionais com formação pedagógica dos responsáveis pelas reformas curriculares

## Contribuem para

- proliferação de “projetos pedagógicos” vazios de doutrinas e descontextualizados
- propostas curriculares se limitam aos aspectos operacionais

MUDAM APENAS AS GRADES CURRICULARES E OS NOMES DAS DISCIPLINAS,  
MAS VELHAS PRÁTICAS OU “CURRÍCULO OCULTO” SEGUEM INALTERADAS  
ESCOLAS PÚBLICAS SEGUEM COM PROJETO DE “EXCELÊNCIA” EXCLUDENTE

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

## DIA-A-DIA NAS ESCOLAS

- Falta de clareza e consistência dos projetos pedagógicos e
- Falta de doutrinas

INDUZEM A UM ESTADO DE *LAISSER FAIRE*

No qual CADA PROFESSOR se sente à vontade para

- NATURALIZAR e IMPOR seus VALORES e MODELOS como os únicos válidos
- transformar sua disciplina em “CURSO AUTÔNOMO”

Obriga o aluno a

“transitar” e ajustar frente a um conjunto variável de VALORES e VERDADES EXTERIORES que EXCLUEM e DESPREZAM seus sonhos, interesses e expectativas

## AVALIAÇÃO

- se baseia e VARIA segundo as CRENÇAS e gosto de cada PROFESSOR,
- se ocupa apenas do PRODUTO FINAL [projeto de arquitetura em si]
- ISENTA o professor de qualquer responsabilidade pelo resultado final

Frase comum:

“O QUE O(A) SENHOR(A) QUER QUE EU FAÇA, PROFESSOR(A)?”  
MEDIOCRIDADE DO PROFESSOR SE TORNA A META A ALCANÇAR

# Pedagogia da Autonomia

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

# UMA PEDAGOGIA FUNDADA NA ÉTICA, NO RESPEITO À DIGNIDADE E À PRÓPRIA AUTONOMIA DO EDUCANDO

(Paulo Freire, 2001)

1 - Não há docência sem discência

2 - Ensinar não é transferir conhecimento

3 - Ensinar exige segurança, competência, generosidade, diálogo e compreensão

O que é avaliação?



## **AVALIAÇÃO (Luckesi 1986)**

JUÍZO DE QUALIDADE sobre dados RELEVANTES para uma TOMADA DE DECISÃO  
... ou para REORIENTAR o processo de ensino-aprendizagem

VERIFICAR [latim *verum facere*] - fazer verdadeiro

AVALIAR [latim *a-valere*] - dar valor

DECISÃO SOBRE MANIFESTAÇÕES RELEVANTES PARA UM

DETERMINADO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

verificação quantitativa e qualitativa do rendimento obtido

envolve professor e alunos e ASSOCIA

MEDIR aspectos QUANTITATIVOS e QUALITATIVOS do rendimento escolar

+

JULGAR, DAR VALOR aos aspectos cognitivos, sócio-afetivos e psicomotores

pausa para pensar a prática e retornar a ela - não é um meio para estratificação

## **FUNÇÕES PRIMORDIAIS DA AVALIAÇÃO**

(1) DIAGNOSTICAR

(2) CONTROLAR E ACOMPANHAR

(3) CLASSIFICAR

Mesa Redonda:

## CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

### MODALIDADES DE AVALIAÇÃO (Luckesi 1986)

- Avaliação Diagnóstica [início do curso]
- Avaliação Formativa [ao longo do curso]
- Avaliação Somativa [final do curso]

### EDUCAÇÃO

- se realiza em função de DOUTRINAS, PROPÓSITOS e METAS

### PROFESSOR E ALUNO

- atuam p/atingir OBJETIVOS alinhados c/doutrinas, propósitos e metas

### PLANO DE ENSINO e OBJETIVOS

- comportamentos a modificar com a aprendizagem

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

Dermeval Saviani (2000)

## TEORIAS [DOCTRINAS] NÃO CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO

- EDUCAÇÃO autônoma e passível de ser compreendida a partir de si mesma
- SOCIEDADE essencialmente harmoniosa e com tendência à integração de seus membros
- MARGINALIDADE desvio/distorção acidental que afeta seus membros, a ser corrigida p/educação
- PAPEL DA EDUCAÇÃO:
  - decisivo na conformação da sociedade evitando a desagregação e, mais do que isso,
  - garantindo a construção de uma sociedade igualitária

## TENDÊNCIAS ALINHADAS COM AS TEORIAS NÃO CRÍTICAS

- Escola TRADICIONAL
- Escola NOVA
- Escola TECNICISTA

## ESCOLA TRADICIONAL

[surge com a ascensão da burguesia, após a Revolução Francesa]

- com a necessidade de construir uma sociedade democrática alinhada com
- o princípio de que a **EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS E UM DEVER DO ESTADO**
- necessário vencer a barreira da ignorância para converter os súditos em cidadãos
- escola assume papel de difundir a instrução, transmitir conhecimentos acumulados
- escola - “antídoto da ignorância”, que é identificada como a marginalidade
- organizada em torno do **PROFESSOR**

**PREPARADO E RESPONSÁVEL PELA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO**

- ao **ALUNO** cabe o papel de,

**COM DISCIPLINA, ASSIMILAR OS CONHECIMENTOS QUE LHE SÃO TRANSMITIDOS**

## ESCOLA NOVA

[final século XIX, ganha força 1ª metade do século XX]

- “nova” maneira de interpretar a educação
- associa MARGINALIDADE com REJEIÇÃO, em lugar da ignorância
- procedimentos pedagógicos e c/a INCLUSÃO de crianças excluídas/“anormais”
- “ANORMALIDADE” biológica/psíquica deixa de ser um problema negativo
- tratamento diferencial para DIFERENÇAS individuais [raça, credo, classe]
- busca AJUSTAR/ADAPTAR indivíduos à sociedade

EIXO DA QUESTÃO PEDAGÓGICA desloca-se do(s)

- intelecto > SENTIMENTO;
- conteúdos > PROCESSOS PEDAGÓGICOS
- disciplina > ESPONTANEIDADE
- lógico > PSICOLÓGICO
- quantidade > QUALIDADE

CUSTOS > poucas ESCOLAS EXPERIMENTAIS, equipadas, restritas às classes mais ricas

- provocam redução do nível do ensino para camadas populares
- deslocam eixo de preocupação do âmbito político para o técnico-pedagógico
- agravam problema da marginalidade

Mesa Redonda:

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

## ESCOLA TECNICISTA

[meados do século XX]

- EFICIÊNCIA INSTRUMENTAL e NEUTRALIDADE CIENTÍFICA
- RACIONALIDADE, EFICIÊNCIA E PRODUTIVIDADE da produção fabril
- tornar TRABALHO PEDAGÓGICO objetivo e operacional
- ELEMENTO PRINCIPAL - organização racional dos meios
- EDUCAÇÃO PLANEJADA e RACIONAL minimiza interferências subjetivas
- PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO e CONTROLE por especialistas imparciais
- OBJETIVOS devem ser operacionalizados
- enfoque SISTÊMICO e ensino PADRONIZADO segundo esquemas previamente formulados
- ESPECIALIZAÇÃO das funções do trabalho pedagógico
- DISCIPLINAS devem se ajustar ao ensino planejado
- PROFESSOR e ALUNO - relegados à condição de meros executores
- EFICIÊNCIA compensa deficiências do professor e maximiza efeitos de intervenção
- MARGINALIDADE identificada com o incompetente, ineficiente e IMPRODUTIVO
- MÉTODO FUNCIONALISTA

O QUE IMPORTA É APRENDER A FAZER

## TEORIAS CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO

- escola é DETERMINADA SOCIALMENTE
  - sociedade sofre determinação do CONFLITO DE INTERESSES das distintas classes
  - CLASSE DOMINANTE interesse em PRESERVAR DOMÍNIO não interessa transformar a escola
- Para superar o problema da MARGINALIDADE e da DIFERENÇA de CLASSES,  
ESCOLA DEVE SE ARTICULAR EM TORNO DOS INTERESSES DAS CLASSES DOMINADAS

## ESCOLA CRÍTICA

- lutar contra marginalidade,
- esforço para garantir às camadas populares ensino de qualidade
- possível nas condições históricas da atualidade
- evitar que escola a educação sejam apropriadas e articuladas c/interesses dominantes

## REFLEXOS DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE PROJETO

- Reforma Universitária de 1969 [escola tecnicista]
- Estrutura departamental e prevalência da burocracia [escola tecnicista]
- Esgotamento da doutrina do Movimento Moderno
- Advento do Pós-Modernismo e sucedâneos [nebulosidade/indefinição de doutrinas]
- Normativa das Diretrizes Curriculares [escola nova + escola tecnicista]

### Resultam:

- no fortalecimento da presença da Escola Tecnicista, e
- na formulação de currículos fragmentados

Qualificação e Renovação quadros docentes + Institucionalização Pós-graduação e da Pesquisa +

## SEMINÁRIOS PROJETER

- evidências de VAZIO DOCTRINÁRIO [‘PLURALIDADE’]
- mistura [inconsciente] de diferentes escolas pedagógicas nas práticas de ensino



## AS IDÉIAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO DE PROJETO

DE UM LADO, temos

- dificuldade do aluno de projeto compreender os critérios de avaliação dos professores
- prática de avaliar trabalhos após final do curso - dificulta retorno da avaliação ao aluno
- dificuldade do professor realizar avaliação capaz de promover o crescimento do aluno
- desconhecimento das implicações pedagógicas da avaliação por parte dos professores
- nem sempre professores fazem seus “juízos de qualidade” com correção
- avaliação centrada em aspectos irrelevantes
- avaliação como “instrumento de poder”

DE OUTRO LADO, considerando que os ALUNOS

- devem ir à escola para aprender

PROFESSORES DE PROJETO deveriam se preocupar um pouco mais com

- o que fazer com os alunos que não atingiram um nível mínimo e necessário de aprendizagem,
- saber se a dificuldade é do aluno, do professor ou de ambos
- trabalhar a AVALIAÇÃO como instrumento de conhecimento,
- apostar no desenvolvimento, crescimento e autonomia do aluno

# Escola Crítica e Autoavaliação no Atelier de Projeto

## IMPORTÂNCIA DA AUTOAVALIAÇÃO

1 - EDUCAÇÃO é *uma* forma de intervenção no mundo que exige tolerância, respeito aos saberes do educando, à diferença e consciência de inacabamento (Freire, 1996);

2 - PROJETO DE ARQUITETURA é um *wicked problem* (Buchanan, 1992)

> possibilita DIFERENTES formulações e soluções, que ã podem ser ditas “corretas”/ “erradas”

MITO INSUSTENTÁVEL > PROFESSOR JUIZ COMPETENTE para julgar/avaliar trabalhos

OPÇÃO CONSISTENTE > REUNIR COLETIVO de avaliações dos SUJEITOS do processo

MÉDIA > resultado representativo da percepção do grupo sobre coerência/qualidade trabalhos

3 - ARGUMENTO DEFINITIVO:

*CRÍTICA DE LEITOR* de Lev Vygotsky em *A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1999)

# A Crítica de Leitor

Mesa Redonda:

## CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

Por mais que eu entenda que sejam possíveis diferentes pontos de vista sobre a obra de arte, sempre irei considerar que meu ponto de vista é o único correto ...

... não existe o Hamlet de Shakespeare, existe meu Hamlet, teu Hamlet, o Hamlet de ... em pé de igualdade;

... todos estão mais ou menos corretos.

Contudo, esse é um ponto de vista puramente racional: no entusiasmo da criação, ele é nefasto.

O crítico ou artista que cria seu Hamlet deve ser um fanático.

Meu Hamlet é uma verdade absoluta, o de outro não o é e não pode sê-lo: só nesse estado de ânimo posso criar alguma coisa efetivamente minha.

Gornfeld assim formula a questão:

o verdadeiro artista não precisa de tais leitores; ele os teme ...

Para ele é tão caro o leitor que pensa quanto prejudicial o leitor que compõe.

(Vygotsky 1999: XXII)

Uma vez criada e exposta ao público,  
uma OBRA DE ARTE [projeto de aluno/arquiteto] se torna autônoma,  
separa-se de seu criador e passa a ter  
TANTAS INTERPRETAÇÕES quantos forem os seus admiradores ou detratores.  
A interpretação do CRÍTICO/AUTOR/PROFESSOR  
[se torna] APENAS UMA dentre tantas outras  
Potiebnyá: a ESSÊNCIA ou força DA OBRA NÃO RESIDE na INTENÇÃO do AUTOR,  
mas no MODO como AGE SOBRE o LEITOR/ESPECTADOR;  
consequentemente, reside em seu CONTEÚDO POSSÍVEL  
NÃO IMPORTA a opinião do AUTOR ou dos outros CRÍTICOS.  
IMPORTA a OBRA EM SI, não os textos e análises;  
a RELAÇÃO do PÚBLICO com a OBRA ... deixar a OBRA FALAR  
diretamente ao DIRETAMENTE ao CORAÇÃO do ADMIRADOR/OBSERVADOR  
em uma relação que é SIMBÓLICA e possibilita INFINITAS INTERPRETAÇÕES.

## PROJETO DE ALUNO COMEÇA ANTES

Elementos deflagradores antecedem o projeto e estabelecem multiplicidade de mundos

O processo projetual se desenvolve simultaneamente no coletivo que resulta da reunião com colegas, professores e seus mundos particulares na disciplina:

- escolha do(a) professor(a)
- escolha da turma
- escolha sala de aula
- escolha do sítio de intervenção, ...

Tudo se move como um conjunto de reflexos "do além" que determina as escolhas, que podem resultar em diferentes emoções, ações e interpretações.

Como CRÍTICOS-LEITORES professor e alunos recriam os projetos,

### SE CONVERTEM EM NOVOS AUTORES

De um lado o crítico-autor não se prende a nada no campo do projeto em estudo

De outro lado ele está irremediavelmente preso a esse mesmo projeto

Sua opinião subjetiva o prende a ele, mesmo não estando presa a nada objetivamente

Mesa Redonda:

## CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

Sua interpretação deve ser ... autêntica de dada obra  
e não alguma composição a respeito;  
nesse sentido, o autor o prende, só que não o prende 'biograficamente'  
mas apenas na medida em que ele se refletiu nos limites dessa criação ou,  
melhor dizendo, prende-o o texto do autor da obra;  
... sua opinião deve ser sustentada até o fim e  
não constituída de trechos e compilações de juízos alheios:  
reconhecendo *objetivamente* a liberdade e a isonomia de todas as interpretações,  
*subjetivamente* o crítico deve  
TER EM MENTE APENAS SUA INTERPRETAÇÃO  
como sendo a ÚNICA (PARA ELE) VERDADEIRA.

(Vygotsky 1999: XXII)



Gornfeld (apud Vygotsky):

por mais que eu entenda que sejam possíveis

diferentes pontos de vista

sobre a obra de arte,

sempre irei considera que

**MEU PONTO DE VISTA É O ÚNICO CORRETO ...**

... é impossível encontrar, defender, concretizar a verdade ...

A certa distância, podemos reconhecer

de modo puramente teórico, eu diria racional,

que não existe o Hamlet de Shakespeare,

existe o meu Hamlet, o teu Hamlet,

o Hamlet de ...,

e que todos eles estão em pé de igualdade;

uns estão mais ou menos corretos.

Mesa Redonda:

## CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO NO ENSINO DE PROJETO

O crítico ou artista que cria seu Hamlet deve ser um fanático.

*MEU HAMLET É UMA VERDADE ABSOLUTA*, o de outro não o é ... .

Só um homem sem nenhuma religião pode ser ...

... tolerante com a crença; para o homem religioso ...

... a tolerância com a crença é ... obrigatoriamente exterior,

pois na interioridade é prejudicial a ele. ... [o CRÍTICO]

... sendo capaz de ... criar seu Hamlet,

pode ser 'tolerante com a crença' apenas objetivamente,

no prefácio, mas não nas páginas de seu trabalho.

(Vygotsky 1999: XXIII)

## UM BOM PAPEL PARA A CRÍTICA DO PROFESSOR-LEITOR

Como justificar e aceitar que apenas um juízo – o do professor – tenha valor?

O que faz com que o único "Hamlet" válido seja o do professor?

Como é possível que os alunos aceitem essa prática?

Mas é compreensível e aceitável que o coletivo de "*Hamlets*"

tenha muito mais importância e consistência

do que o de apenas um indivíduo, por mais qualificado que seja,

especialmente se entendermos – como fazem os professores de arquitetura –

que projeto é uma obra de autoria.

Vygotsky recorre a Scully-Prudhomme para ressaltar

a importância do crítico – no nosso caso, da crítica do professor:

"estou convencido de que falar não é outra coisa senão

despertar no leitor seu próprio discurso interior"

(Scully-Prudhomme apud Vygotsky 1999: XXVII)

## PROCEDIMENTOS TÉCNICOS UTILIZADOS NA CRÍTICA DE LEITOR

O diletantismo dessa crítica permite deixar de lado todo o problema científico e histórico (época de surgimento, fontes, autor, influências da obra, etc.), todo o problema biográfico de seu criador ...

... e, por último, toda a imensa produção puramente crítica que existe sobre ela.

Só uma coisa se exige do crítico:  
o conhecimento do texto da tragédia.

... cria-se um clima inteiramente diverso para a pesquisa, que fica circunscrita integral e exclusivamente ao campo de uma tragédia definida e, mais além, de sua interpretação definida.

Projetado em técnicas de pesquisa, isso significa que nosso estudo não precisa resolver nenhum problema levantado de fora.

(Vygotsky 1999: XXVIII)

# Considerações Finais

Recorro a Vygotsky para ressaltar que

ao estabelecermos e afirmarmos nossa concepção, estamos *subjetivamente* rejeitando as outras concepções, embora *objetivamente* não haja necessidade de fazê-lo.

É desejável que aqueles CRÍTICOS LEITORES do meu artigo ou ouvintes desta apresentação explorem tanto minha condição de autor quando a de leitor.

Tenho a esperança de que minha fala contribua para despertar seus discursos interiores sobre a possibilidade de

1 - nos ocuparmos mais com a teoria e a prática da educação em arquitetura

2 - adotarmos a autonomia e a autoavaliação no Atelier de Projeto

**MUITO OBRIGADO!!!!**